

# Governo avisa que juros não vão cair

*Preocupado em manter a inflação baixa, o ministro Pedro Malan afirma também que não vai acelerar a desvalorização do real*

Ugo Braga e  
Vicente Nunes  
Da equipe do **Correio**

**O**s brasileiros que costumam gastar além do necessário continuarão pagando juros altos no cheque especial e no crediário, porque a política monetária não mudará. E mais: os exportadores também podem continuar chiando, os críticos da equipe econômica idem, mas o Real não será desvalorizado além dos 7% anuais da atual política cambial. O recado foi dado ontem, numa entrevista coletiva concedida pelos ministros do Planejamento, Antônio Kandir, e da Fazenda, Pedro Malan, sobre os três anos do Real.

“Parece fácil, desvaloriza o câmbio, baixa os juros e, *fiat lux* (faça-se a



luz), a economia começa a crescer”, ironizou Malan sobre as sugestões para mudar o rumo da política econômica. “Mas não é assim que vamos trabalhar”, emendou, explicando que essas medidas são inflacionárias e, inflação, para a equipe econômica, é a última coisa que a população brasileira quer.

O ministro Kandir chegou a fazer uma projeção sobre o equilíbrio do balanço de pagamentos do país (negócios entre o Brasil e seus parceiros econômicos). “A solução leva mais tempo, só será equilibrada lá pelo ano de 1999 ou 2000”,

estimou. O que ele quer dizer é que nos próximos três anos, a relação econômica com o exterior vai ser negativa, ou seja, vai continuar saindo mais dólares do Brasil do que o contrário.

Mesmo sabendo disso, a equipe

Jorge Cardoso



Malan, entre Kandir e Loyola: o governo não adotará nenhuma política inflacionária, como redução dos juros

econômica não mudará a política cambial (desvalorização do real). “Não há possibilidade de mudança”, enfatizou Kandir. Uma desvalorização ajudaria a equilibrar o déficit no

balanço de pagamentos porque os exportadores, que recebem pagamento em dólar, ganhariam mais reais, caso a moeda brasileira tivesse um valor menor. Isso incentiva as ex-

portações e ajuda a equilibrar a balança comercial (diferença entre importações e exportações de um país), principal caminho de saída dos dólares do Brasil atualmente.

## REFORMAS

No que diz respeito aos juros, o diretor para Assuntos de Política Monetária do Banco Central, Francisco Lopes, que também participou da coletiva, acenou com a possibilidade de retomada na diminuição gradual das taxas. “Mas só depois de aprovadas as reformas constitucionais.” O governo interrompeu a queda dos juros em abril, fixando as taxas básicas (cobradas pelo BC aos bancos) em 1,58% ao mês (piso) e 1,78% ao mês (teto).

Lopes disse que a interrupção na queda dos juros não é questão de gosto ou estética. “Levamos em consideração o resultado do balanço de pagamentos e implicações fiscais”, explicou. Trocando em miúdos, os juros internos têm que ficar mais altos que os externos para atrair aplicações de investidores estrangeiros e tapar, com o dinheiro que entra, o rombo do balanço de pagamentos (aquele dinheiro que sai, principalmente via importações).

Assim, os juros cobrados por bancos e demais empresas financeiras do Brasil acabam sendo altíssimos, como bem sabe qualquer pessoa que recorra com freqüência ao crediário ou ao cheque especial.